

vvogas@redgazeta.com.br Tel: 3321-8319

PRAÇA OITO

Vitor Vogas



O ex-governador Renato Casagrande declara à coluna que o estudo do túnel entre Vila Velha e Vitória, ao custo de quase de R\$ 10 milhões, foi contratado pelo governo anterior, de Hartung.

O cara de Hartung

Histórico braço direito de Paulo Hartung, Neivaldo Bragato construiu a própria trajetória em paralelo à do governador, sempre operando nos bastidores. Agora, é citado por Benedicto da Silva Júnior, um dos mais importantes delatores da Odebrecht à Lava Jato, como intermediário de R\$ 1 milhão em repasses não declarados da empresa a campanhas de aliados de Hartung em 2010, supostamente a pedido do governador.

Avesso a entrevistas e aparições públicas, Bragato nunca disputou mandato eletivo e sempre se manteve longe da mídia. “É um cara de inteira confiança do governador. E ele faz por merecer”, afirma aliado em comum de ambos.

A sociedade política dos dois remete ao curso de Economia na Ufes, à militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e ao movimento estudantil no fim dos anos 1970, com a primeira eleição da vida deles – para o Diretório Acadêmico do CCJE, na chapa Gota D’Água – e com a reabertura do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da universidade, na chapa Construção. Em síntese do que o futuro reservava à dupla, Hartung foi o presidente; Bragato, o tesoureiro.

Já no início dos anos 1980, Hartung, o pai dele, Bragato e Robinho Leite (outro antigo colaborador) foram sócios na gráfica Renograf. O principal objetivo da gráfica era ajudar a eleger PH deputado estadual em 1982, pelo MDB.

O projeto deu certo, Hartung chegou à Assembleia e, a partir daí, emendaria uma sucessão de mandatos até hoje (ele nunca perdeu uma eleição). Começava ali também a história de Bragato no poder público, sempre à sombra do amigo. Com a chegada de Hartung à Assembleia, muitos de seus colaboradores passaram a ocupar cargos estratégicos no governo de Gerson Camata, então no

MDB e apoiado pelo grupo. Bragato assumiu a direção do Diário Oficial do Estado. É mais ou menos dessa época a aprovação do economista em concurso da Receita Federal, órgão do qual se aposentou há pouco tempo.

Em 1992, Hartung foi eleito prefeito de Vitória. Ao seu lado, Bragato foi o secretário de Finanças por quase todo o mandato. Em 2003, Hartung enfim chegou ao Palácio Anchieta para o primeiro dos seus três mandatos. Nos dois primeiros (2003-2010), Bragato foi seu secretário de Governo e de Obras. Em 2008, o governador até ensaiou lançá-lo à Prefeitura de Vitória. O balão de ensaio furo. Bragato, então no PMDB, ficou até aliviado. O grupo ainda cogitou lançá-lo a vice de João Coser (PT), mas Bragato também não quis, e o posto ficou com Tião Barbosa, outro fiel aliado de PH.

No governo de Renato Casagrande (PSB), Hartung manteve Bragato em posto-chave, como presidente da Cesan, onde ele ficou de 2011 a 2013. Outros membros do núcleo político de Hartung também guardaram posição na equipe de Casagrande, caso de Robinho (secretário de Planejamento) e de Anselmo Tozi (diretor de Meio Ambiente da Cesan).

Já no início do atual governo, Bragato virou chefe de gabinete de Hartung, cargo em que permaneceu até o dia 22 de fevereiro deste ano, quando foi rebaixado a membro do Conselho de Administração do Banestes. A repentina mudança, por sinal, conduz à inevitável constatação: pode ter sido só coincidência, é lógico, mas Bragato foi tirado de cena e das cercanias do gabinete 48 dias antes de a lista de Fachin explodir.

Duas fontes do atual secretariado confirmam: além de irrefutável amizade,

Bragato e Hartung mantiveram, ao longo dessas quatro décadas, uma aliança política e uma relação de confiança inquebráveis. Um deles define assim o perfil de Bragato e sua ligação com PH:

“Eles são amigos mesmo. Bragato é uma pessoa de extrema confiança do Paulo desde o movimento estudantil. Ele é homem de retaguarda. É um homem muito objetivo, muito pragmático. Não é um articulador ou um formulador, é um operador. Ele resolve as coisas, sempre foi um ‘executivo’. É um homem muito calado, de poucas conversas. E todo mundo sempre soube que, quando falava com ele, falava com o grande intermediário do governador.”

Agora, essa sociedade iniciada lá na chapa “Gota D’Água” passa pela mais difícil provação.



CENA POLÍTICA

Uma raposa política observava a sessão de ontem no plenário da Assembleia e não deixou passar um comentário: “Olha ali o Canário! E ali está o Gavião! Já Theodorico Ferraz segue

‘manso como uma pomba’”. Canário e Gavião são codinomes atribuídos, respectivamente, aos deputados Esmael Almeida (PMDB) e Rodrigo Coelho (PDT) em listas da Odebrecht.

Antigos sócios

Além de Neivaldo Bragato, um dos sócios de Hartung na gráfica Renograf, inaugurada no começo da década de 1980, era outro contemporâneo do governador no Partidão e no movimento estudantil: o hoje ambientalista e empresário Eduardo Pignaton, que estudou Artes e Medicina na Ufes. Ele explica que o verdadeiro propósito do empreendimento era político. “Estávamos lá numa missão partidária. A gráfica era um aparelho do partido. Foi nossa faceta legal na sociedade capitalista para eleger o Paulo, pois a militância no PCB era clandestina.”

“Constatação”

Sobre a sociedade política entre Hartung e Bragato, Pignaton declara o seguinte: “O setor financeiro do Paulo sempre quem fez foi o Bragato. Toda a economia do Paulo quem sempre resolveu foi o Bragato. Quem toma conta dos negócios do Paulo é o Bragato, desde a gráfica. É somente uma constatação.”

Dor compartilhada

Um antigo colaborador de Hartung narra uma cena testemunhada por ele que, a seu ver, simboliza a aliança política entre o governador e Bragato. Como se sabe, a pior derrota política da carreira de PH foi para José Ignácio Ferreira, em 1998, na convenção do PSDB para escolha do candidato da sigla ao governo estadual, marcada por suspeitas de compra de votos.

Na alegria e na tristeza

Já em 2003, enfim alçado ao Palácio Anchieta, Hartung começou a recordar o episódio em uma das primeiras reuniões com o seu secretariado. “De repente, o governador começou a chorar. Olho pro Bragato e ele também está chorando! Os dois choraram juntos, de raiva do Zé Ignácio”, conta a testemunha da cena.

Lelo sobre Carneiro

O deputado federal Lelo Coimbra, presidente estadual do PMDB, entra em contato com a coluna para dizer: Roberto Carneiro não operou em campanhas do partido em 2012, ao contrário do que dá a entender Benedicto Júnior em delação.